

O futuro da escola é... grátis?

Como acontece de tempos em tempos, uma nova onda de teses polêmicas foi lançada recentemente no mercado. Desta vez, elas partiram de estudos do economista Steven Levitt, Ph.D. pelo MIT, em parceria com o jornalista Stephen J. Dubner, e foram reunidas no livro *Freakonomics*, que, numa tradução livre, quer dizer algo como “economia excêntrica”. A obra aborda assuntos polêmicos através de ângulos de visão inusitados. É o caso das taxas de criminalidade em Nova Iorque, apresentadas pelos autores como sendo, em grande parte, consequência da legalização do aborto. Tal abordagem poderia ser considerada, no mínimo, inusitada.

Outra polêmica lançou luzes sobre um tema de interesse de executivos e empresários. Inclusive, penso eu, os do segmento educacional. Trata-se de *Free!*, livro lançado por Chris Anderson, editor da revista *Wired* e autor do conceito da cauda longa. O tema, desta vez, responde pelo nome de “preço”. A tese defendida pelo autor diz que a tecnologia barateou e diversificou a produção de bens a tal ponto de serem oferecidos de graça. Como explicou o próprio Anderson: “Às vezes, grátis significa realmente custo zero, às vezes, que o preço foi subsidiado com anúncios. Outras vezes ainda quer dizer *freemium*: uma combinação entre uma oferta gratuita e a versão lapidada ou exclusiva, oferecida mediante o pagamento de uma assinatura.” Mas isso nada tem a ver com as escolas, diriam alguns. Talvez tenha...

A tecnologia tem privilegiado produtos e serviços baseados na internet, a ponto de usarmos aplicativos a custo zero. Processadores de texto, planilhas eletrônicas e vários softwares, antes comprados em *houses* especializadas, fazem parte do nosso dia a dia sem que, para usá-los, tenhamos de gastar um centavo. Saindo do ambiente virtual para o mundo “real”, a situação não é diferente. Basta ver o segmento de telefonia. Do aparelho telefônico aos softwares adicionais ou *upgrade*’s de banda larga, hospedagem de sites e pacotes de mensagens, são várias situações em que seríamos obrigados a pagar por produtos e serviços que recebemos de graça.

Na educação, alguns lampejos se fazem sentir no horizonte. O fator “inadimplência”, por exemplo. Seria um prenúncio do advento *free*? Estaria ele nos dizendo alguma coisa, sinalizando, ou reforçando, como prefiro interpretar, o esgotamento de um modelo de sustentabilidade utilizado há séculos pelas instituições de ensino particulares? Será que podemos considerar o fato apenas uma coincidência? Seria ele um sintoma? Ou quem sabe um claro indicativo de que a semente da teoria de Anderson estaria germinando no solo cansado do mercado educacional? A resposta só o tempo vai dizer... mas é bom já ir colocando as barbas de molho! ■



Marcelo Freitas

Consultor da Linha Direta e diretor da Corporate Gestão Empresarial
marcelofreitas@linhadireta.com.br